



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

CONTRA TENTATIVAS DE IMPEDIR A ORDEM E DERRUBAR A DEMOCRACIA

DISCURSO PROFERIDO NO RIO DE JANEIRO, A 16 DE DEZEMBRO DE 1968, NA SOLENIDADE DE FORMATURA DOS OFICIAIS DIPLOMADOS PELA ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO.

Deliberadamente infringimos o que costumamos fazer, em solenidades como esta, para trazer-vos uma palavra escrita, que julgamos útil para vós e oportuna para todos.

É, também, a forma de distinguir a EsCEME — o nosso mais alto Instituto de Estudos dentro do Exército brasileiro — essa EsCEME que foi o grande quartel-general ostensivo da Revolução de 1964.

Quando a história verdadeira e completa desse movimento vier a ser escrita, um papel da mais alta relevância estará reservado a esta Escola.

Nessa ocasião, aparecerá o importantíssimo trabalho de doutrinação democrática levado a efeito naquela conturbada fase de nossa vida política. Ver-se-á labor magnífico das turmas que daqui se irradiaram para difundir, por todos os rincões brasileiros, as idéias, os ideais e a orientação para combater o comunismo. Virá à luz a autêntica epopéia dos dias decisivos, na Guanabara, com páginas de patriotismo e coragem como a da tomada de posição para proteger, no Palácio da Guerra, o então Chefe do Estado-Maior do Exército, o inesquecível Marechal Castello Branco; a do assalto ao QG da Artilharia de Costa; a da «barricada cívica» levantada pelos oficiais desta Casa, auxiliados pelos do IME; e a das numerosas missões de sacrifício então cumpridas em todas as áreas do território nacional.

Esse galardão a EsCEME conquistou para todo o sempre. Por isso, grande é a responsabilidade revolucionária dos que aqui, sob diversas condições, têm a honra de servir.

Ficai atentos. Os derrotados de março procurarão reconquistar as posições ilegítimas que desfrutavam. Nesse propósito utilizaram todos os recursos para tentar influenciar-vos. Usaram a maledicência. A falsidade. A falácia. A mentira. A calúnia.

Quiseram dividir-vos. Lançaram dúvidas entre vós e ao mesmo tempo, vos atacaram diante da opinião pública. Foram deliberadamente contraditórios para alcançarem os objetivos desejados.

Procuraram desmoralizar ao Governo e procuraram desmoralizar-vos.

Uma e em outra tarefa, escutastes vozes a levantar-se no púlpito, na tribuna, na cátedra, no Congresso, na Imprensa.

Falaram em corrupção generalizada.

Convenceram a muitos de vós que se enfraqueceu a ação revolucionária.

Alertaram o País contra um militarismo inexistente e culparam os militares pelas dificuldades da Nação.

Ofenderam-vos e quando vos defendestes afirmaram que estáveis pressionando os demais Poderes.

Exploraram, demagogicamente, a pobreza que resultava dos vossos pequenos vencimentos.

Tentaram criar o desestímulo profissional, enfatizando nossas deficiências materiais.

Analisemos cada uma dessas assertivas:

Começemos pela corrupção.

Negar a tendência do homem a corromper-se é o mesmo que querer negar a existência do ar que respiramos ou a vida das plantas que cobrem a superfície terrestre do Planeta.

A corrupção existe em todas as latitudes e em todos os países do Mundo: pequenos ou grandes, pobres ou desenvolvidos, totalitários ou democratas. Sempre existiu, em todas as épocas, e infelizmente sempre existirá. É certo que a temos no Brasil, mas eu vos asseguro — em volume infinitamente menor do que em qualquer outra época.

Não a consentiremos: Combatê-la-emos com todas as nossas forças e por todos os meios.

Nesse mister desejamos o auxílio de todos. Apontai-a. Mas, até pelo império de justiça, desejaremos as provas, as evidências, os fatos. Que ela não fique apenas no sussurro maldoso, na calúnia torpe ou vago «escutei-dizer».

Este Governo abomina a corrupção e todas as vezes que dela tomou conhecimento agiu com firmeza e sem delongas. Aí estão os exemplos do IOS, da Dominium, da SUDAM, do IBRA, do IRB e do Conselho Fiscal do INPS. Pela primeira vez, na História Republicana, foram para a cadeia os especuladores que, até então, sempre haviam ficado impunes, acobertados por seu poderio econômico.

Quanto à afirmação de que as bandeiras da Revolução estão sendo arriadas e que ela própria fraqueja em suas estruturas, por inépcia do comando — tenho a dizer-vos que nada é mais injusto, nada mais falso!

Quantas vezes precisaremos ainda repetir e *provar* que a Revolução é irreversível?

O que é necessário é compreender a própria dinâmica de um movimento como o nosso, que não pode, diariamente, limitar-se às varreduras e limpezas de área, mas que deve consertar, construir, reunir, juntar para levar o País para a frente; que deve esquecer os ódios e procurar somar o maior número de brasileiros; que deve pensar em termos de nação predominantemente aos interesses de grupo.

Recordemos o processo evolutivo da Revolução de março: passada a fase inicial, essencialmente político-militar — fase das ações de força, dos deslocamentos de tropas, das cassações de mandatos ou de suspensão de direitos políticos, das demissões *ex officio* — sucedeu-se a fase político-administrativa da prorrogação necessária de mandatos, do saneamento financeiro, do planejamento econômico generalizado e da pacificação possível. Depois, a Revolução continuou no seu sentido mais amplo, que poderá ser sintetizado pela contensão inflacionária, pela retomada célere do desenvolvimento e pela implantação de reformas reais, e sem demagogia, como a administrativa, a da agricultura e a universitária, que já estão em marcha.

A Revolução prossegue pelo caminho certo que levará o País rumo ao desenvolvimento rápido e seguro. Mas, a Revolução também estará alerta contra quaisquer tentativas que visem a impedir a ordem e a derrubar a democracia.

E, sempre que imprescindível, como agora, faremos novas revoluções dentro da Revolução!

Não aceitamos, ainda, o militarismo de que alguns nos acusam. Em 64, as Forças Armadas, atendendo ao apelo dramático de todos os setores da Nação, saíram às ruas para por cobro a uma situação que já se tornava insustentável. Logo que foi possível, voltaram aos quartéis onde, abnegadamente, se dedicam aos seus labores profissionais.

Não houve a posse do Poder por parte do grupo militar. Houve, sim, a sedimentação normal de todos os acontecimentos históricos em que a força esteve presente: o Poder Judiciário foi reconhecido e respeitado; num fenômeno natural de integração e de inteiração, a Revolução e o Congresso se complementaram.

A Revolução vitoriosa gerou o direito revolucionário — direito de fato — e legitimou o Congresso, após as depurações necessárias e que, infelizmente, conforme ficou plenamente provado, não foram comple-

tas. Em contra-partida, o Congresso reconheceu esse direito e legislou aprovando a Constituição vigente, que institucionalizava a própria Revolução.

A Nação inteira compreendeu que os militares não aceitassem, *como através dos seus chefes não aceitaram*, que se atingisse, impunemente, o pundonor da classe, pela ofensa desmedida e covardemente acobertada por imunidades que não podem visar a esses objetivos.

Deram eles prova de tolerância e de espírito democrático e ao invés de utilizar indevidamente as armas que o povo lhes confiara, procuraram os recursos que a Lei lhes facultava, mas, infelizmente, não tiveram a compreensão e o apoio de muitos deputados do Partido Majoritário, que mais valorizaram o prestígio de uma situação de exceção, do que aquilo que era justo e razoável.

Por essa razão, o Governo foi obrigado a intervir e a tomar as medidas fortes que reativassem a Revolução atingida.

Por esse motivo, foi outorgado o novo Ato Institucional.

Quanto à exploração da vossa pobreza, no momento em que viram o Governo atendendo, dentro de suas limitadas possibilidades, as vossas necessidades mais prementes, mudaram logo de tom e passaram a atacar o que ontem defendiam e procuraram impedir o que antes estimulavam.

Conforme vos prometi, estávamos e estaremos sempre atentos aos vossos problemas e às necessidades de todos os brasileiros, sem, contudo, descurar do controle da inflação e do soerguimento econômico.

No tocante às nossas falhas estruturais e à obsolência do nosso equipamento, tem o propósito de desestimular-nos profissionalmente, e de desvalorizar o que representamos. Devo lembrar-vos que importantes estudos estão sendo levados a cabo para solver os problemas mais cruciantes. Não esqueçamos, todavia, que um país como o nosso recebe múltiplas solicitações e tem de atender a diversas frentes, todas importantes.

Nosso Exército não estagnou, ao contrário, melhora, senão no ritmo desejado pelo menos da forma possível. Apenas alguns exemplos: o CEP continua a desenvolver importantes trabalhos no setor do Homem; prossegue o ativo programa de construção de moradias — assunto que desde nossos tempos de Ministro sempre nos sensibilizou profundamente; em todos os Exércitos e na maioria das Guarnições foram realizadas manobras que deram ensejo a que os quadros aplicassem os seus conhecimentos e se adestrassem; acompanhamos de perto o problemas dos mísseis; e dentro de nossas possibilidades, que não são muitas, estamos modernizando nossas GU, e a 3ª BDA Mista de Bagé é uma prova do que afirmamos.

Camaradas,

Quem vos fala — em linguagem franca, direta, objetiva e às vezes quase rude — é o vosso velho companheiro d'armas. É o Chefe que conhece e ama a EsCEME por ter sido aluno e instrutor desta Casa. *É o vosso Chefe Supremo. De Direito e de Fato. E que não abrirá mão dessa honrosa prerrogativa.*

É o soldado falando para soldados.

É o vosso Chefe da Revolução de 1964, que ajudastes a fazer Presidente da República e que jamais, por um dia sequer, se esqueceu das suas queridas origens no Exército brasileiro.

Em 1965, quando Ministro, viemos comemorar o 1º aniversário da Revolução nesta Escola e um vosso delegado neste auditório afirmou que a EsCEME estaria em eterna vigilância para garantir os ideais revolucionários e que bastaria um rápido chamamento para que o batalhão sagrado se recompusesse e entrasse em ação.

Guardamos, desde então, aquele oferecimento.

Já provamos que não vos faltaremos nas oportunidades necessárias.

Confiai, camaradas. Cerrai fileiras em torno dos vossos chefes, lembrando sempre a expressão feliz de um de vós de que «somos os oficiais do ofício da Segurança Nacional». Por essa razão, constituem responsabilidades nossas a tranqüilidade, a paz e a ordem deste País.

Monoliticamente coesos sereis invulneráveis às forças que procuram desagregar-vos e podereis cumprir vossa missão constitucional e ajudar a conduzir o Brasil aos seus brilhantes destinos.

Vós que partis, levai este apelo a todos os quadrantes de nossa terra.

Que Deus vos proteja e às vossas famílias.